

PONTO COM NÓ

Passamos um dia inteiro com o rapper que nasceu em Santo Amaro, mora com os pais no Grajaú, e é autor daquela que promete ser a música do ano

ONDE: Sesc Vila Mariana. R. Pelotas, 141, 5080-3000.
QUANDO: 4ª (1) e 5ª (2), 21h.
QUANTO: R\$ 24.

Dez horas da manhã de uma sexta-feira. Hora de encontrar o cara de quem todo mundo tem falado – no Facebook, no Twitter e nas mesas de bar. O casarão no Alto de Pinheiros está todo fechado. Parece cedo demais para conversar com gente da música. Recém acordado, descalço e em jejum, ele aparece na hora marcada.

De quem estamos falando? Do rapper **Criolo**, que nos recebeu na casa de um de seus produtores, Daniel Ganjaman, onde está hospedado desde que começou a dar uma entrevista atrás da outra para promover os shows de lançamento de seu segundo disco, 'Nó na Orelha', marcados para a próxima quarta (1) e quinta (2), no Sesc Vila Mariana.

Há 23 anos no rap, ele viu seu nome estampar jornais e circular na rede, da noite para o dia, logo depois de colocar seu álbum grátis na internet, em 26 de abril. O sucesso foi impulsionado pela

faixa 'Não Existe Amor em SP'. Se você ainda não conhece, pode escutá-la aqui: http://bit.ly/criolo_amor.

Ali, antes mesmo do café da manhã, percorremos mais de três décadas. Fomos de 1975, ano de nascimento de Kleber Cavalcante Gomes, no bairro de Santo Amaro, a 2011, o ano que marca a guinada na carreira do MC que já pensava em se aposentar. Em um mês, foram feitos 53 mil downloads do disco (25 mil deles em apenas três dias), que teve produção dos competentes Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral.

Eles mostraram um lado ainda pouco conhecido desse cara, que fala sempre manso, mas sorri só de vez em quando. Um cara que entremeia versos improvisados às respostas, como se estivesse em uma das batalhas de rappers que ele costuma frequentar. **Carol Pascoal**

LEVE CRIOLO PARA CASA

Baixe o disco (grátis):
<http://bit.ly/baixeadisco>

Compre o cd (R\$ 19,90):
<http://bit.ly/compreocd>

Compre o vinil (R\$ 64,80):
<http://bit.ly/compreovinil>

PRIMEIROS ANOS

"DE UNS TRÊS ANOS PRA CÁ, EU ESTAVA ME PREPARANDO PSICOLÓGICA MENTE PRA SAIR DE CENA COMO MC. PORQUE EU SEMPRE PROCUREI AVALIAR O QUANTO EU ESTAVA CONTRIBUINDO COM ESSA CENA"

PAUL OLIVEIRA/Æ



Filho de um metalúrgico e de uma dona de casa, Criolo cresceu ouvindo Elis Regina, Benito de Paula e Simonal. Aos 12, só ia para o show de rap se a mãe deixasse

"Olha, eu tenho uma história que é a da maioria. Moro em um bairro humilde e meus pais vieram do Ceará na década de 1970 pra fugir da seca e procurar algo melhor". É assim que Criolo, hoje com 35 anos, começa a contar quem é, e de onde veio. Olhando pela janela, diz que uma das "lembranças mais maravilhosas" é de sua mãe cantando ao lavar a louça, com ele, pequeno, ao lado. Dona Maria Vilani cuidava da família e cantarolava Clara Nunes, Elis Regina e Wilson Simonal. Seupai, o metalúrgico 'Seu' Cleon, era apaixonado por Benito de Paula, Martinho da Vila e Moreira da Silva.

Assim, como quem não quer nada, eles inseriram a música na vida do filho. Aos 12 anos, o garoto já compunha seus primeiros versos de rap. "Eu vi um amigo fazendo e achei belo, nem sabia que nome se dava àquilo. Percebi que no meu bairro tinha grupos e fui ver esses caras. Isso quando minha mãe deixava", lembra Criolo. Mas e a carreira de músico, quando começou? "Eu não acho que sou músico, porque nunca fiz aula de canto, não sei tocar instrumento e falar sobre intervalos", diz ele. "Carreira independe de fama e sucesso. O que vale é o seu compromisso com aquilo que você descobriu. É aquilo que você ama. E isso aconteceu na minha vida em 1989."

FAIXA A FAIXA

Melhor do que o **Divirta-se** comentar cada música de 'Nó na Orelha', é o próprio Criolo contar como cada uma surgiu.

BOGOTÁ

"Vamos embora para bogotá
Muambar
Muambei
Vamos cruzar
transamazônica
Pra levar
Pra freguês"

"Quem deixa
entrar armas
e drogas no
nosso país?
Coisas que
destroem a
nossa família"

LIÇÃO DE CASA

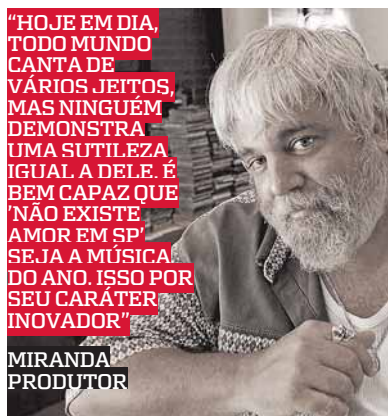
Criolo sempre frequentou a escola. Chegou a fazer duas faculdades, mas não pegou o diploma de nenhuma. Estava a cada dia mais próximo do rap

No começo da nossa conversa, foi jogo duro tirar alguma coisa de Criolo. Mas logo ele ficou (bem) à vontade e continuou a divagar sobre a sua infância e sua carreira. “Não dá pra mensurar o que vai acontecer quando você vê o seu filho de 12 anos escrevendo poesia ou rimando pela casa”, conta. Após um intervalo, completa: “Eu fui me construindo como cidadão e aprendendo as coisas. Era um jovem em desenvolvimento e a rima estava sempre presente na minha vida. Os meus pais sabiam que o que eu fazia era de coração e não profissional.” Por mais que o rap fosse uma constante em sua vida, Criolo sempre se dedicou

aos estudos. E, durante o colegial, teve uma colega de classe especial. “Minha mãe foi me matricular e perguntou se também podia estudar. Fizemos os três anos juntos”. Em seguida, ele fez faculdade de artes e de pedagogia, mas não chegou a se formar. “Bateu na trave. Cheguei a fazer o trabalho de conclusão – não me formei, mas vivi os cursos inteiros”, conta. Já Dona Maria seguiu em frente com os estudos e se formou em filosofia. Eu digo que ele deve ter orgulho dela. Com os olhos marejados, ele encurta a resposta: “É...”. E, após me encerrar: “Antes mesmo dela fazer filosofia”, diz, agora sorrindo.

“HOJE EM DIA, TODO MUNDO CANTA DE VÁRIOS JEITOS, MAS NINGUÉM DEMONSTRA UMA SUTILEZA IGUAL A DELE. É BEM CAPAZ QUE NÃO EXISTE AMOR EM SP”
SEJA A MÚSICA DO ANO. ISSO POR SEU CARÁTER INOVADOR”

MIRANDA
PRODUTOR



“QUANDO VOCÊ OUVI O DISCO DO INÍCIO AO FIM, PERCEBE QUE É MUITO BRASILEIRO E QUE TEM MUITO A VER COM A GENTE”.

KIKO DINUCCI
MÚSICO



SUBIRUSDOISTIOZIN

“Eu cresci no mundo, onde o filho chora e a mãe não vê. E covarde são quem tem tudo de bom, e fornece o mau, pra favela morrer”

“Fala de um senhor que dá conselho para os mais jovens, mas nem sempre eles o escutam”

NÃO EXISTE AMOR EM SP

“Não existe amor em SP. Os bares estão cheios de almas tão vazias. A ganância vibra, a vaidade excita”

“O que a cidade de São Paulo faz com o que ela tem de melhor, o povo, tão bonito e guerreiro”

QUEM QUER COCADA?

“Fui desde o cara que vendia cocada na rua até o professor de artes da rede pública”, diz, se referindo às outras profissões que teve. O hip hop seguia em paralelo. Ele participou das formações de alguns grupos do Grajaú que cantavam rap e aprendeu bastante neste período. Também foi nesta época que ele encontrou Cassiano Sena, mais conhecido como DJ Dan Dan. “No início era só aquela coisa de se cumprimentar no baile”, conta Dan Dan. “Fiz um festival de rap que o grupo do Criolo participou. Aí começamos a trocar uma ideia mais firme. Daí pra cá, a amizade foi crescendo.”

Em 2006, os dois criaram juntos a Rinha dos MCs, uma festa de hip hop que tem como principal atração as batalhas de improvisação (freestyle). Hoje, o evento é considerado um dos mais tradicionais da cidade e, essas batalhas de rimas revelam talentos importantes. O exemplo mais atual e relevante, além de Criolo, é Emicida – que lançou duas mixtapes e se apresentou no festival californiano Coachella. A ideia é que a Rinha não seja só um encontro dos que querem mostrar versos, mas também um espaço para grafiteiros e até oficinas de xadrez. “O que a gente valoriza é a vontade de querer viver isso com a gente”, diz Criolo.

Até pouco tempo atrás, Criolo nem pensava em viver de música. Tocava o rap em paralelo aos seus muitos trabalhos, que foram de professor a vendedor de cocada

A RINHA É DEMOCRÁTICA. E NÃO UM LUGAR QUE FOMENTA A VAIDADE E O EGO. TODOS SABEM QUE É UMA CASA ABERTA A QUEM VIER COM BOAS INTENCÕES. VÁ LÁ, VOCÊ TAMBÉM: @RINHADOSMCS

EVELSON DE FREITAS / AE



MARIÔ

“Quem se julga nata cuidado pra não cuaiá. Atitudes de amor devemos samplear. Mulatu Astatke. Fela Kuti escutá”

“Ela sugere que o homem nasce livre para caminhar, mas esse direito lhe é roubado”

FREGUÊS DA MEIA-NOITE

“Num quartinho de ilusão meu cão que não late em vão. No frio atrito meditei. Dessa vez não serei seu freguês”

“Um rapaz espera um cara levar droga para ele. Ele demora e esse cara começa a se questionar”

NADA DE SE RENDER

Toda carreira passa por altos e baixos. Várias vezes, Criolo pensou em desistir. Se hoje estamos aqui falando nele, devemos muito a seu amigo Dan Dan

Em 2006, mesmo ano em que nasceu a Rinha dos MCs, Criolo lançou o seu primeiro disco, 'Ainda Há Tempo'. Mas quando surge o assunto, ele não parece se empolgar: "Foram apenas mil unidades. Em dois meses acabou." Quando pergunto se pensou em desistir, ele reflete: "Existem momentos em que você está cansado, mas o Dan Dan é um cara que sempre se antecipou ao meu cansaço maior. Ele não deixava o meu joelho se dobrar." Dan Dan não se gaba, parece agradecido. "O Criolo é um cara muito sensível, apesar de o rap dele ser sarcástico, sério e radi-

cal", diz. "Se ele ajudou alguém e essa pessoa fala mal dele por aí, ele se estressa e desanima." Nesses momentos, o amigo admite que sabe qual é o remédio para reanimar o rapper. "Eu sempre troco ideia com ele, lembro do talento que tem e da boa intenção. Falo o quanto ele é importante para essa cena", completa Dan Dan.

O papo fica mais leve e menos tenso quando o assunto se volta para o novo disco, 'Nó na Orelha'. "A Matilha Cultural é a culpada de tudo isso, sobretudo uma pessoa em especial, e que não quer aparecer", diz Criolo, fazendo mistério.

"O DISCO DELE
MEXEU COM O
PÚBLICO PELA
HONESTIDADE. ELE
É UMA CARA
CARISMÁTICO E
IMPRESSIONA
QUALQUER CLASSE
SOCIAL POR SUA
POÉTICA SER
ENCANTADORA.
O ÁLBUM DELE
MOSTRA UM
AMADURECIMENTO
DO RAP"

DJ DAN DAN
MÚSICO



"O DISCO É UMA
OBRA-PRIMA.
TEM UMA
BRASILIDADE
SEM APELAR
PARA CLICHÊS.
ELE É UM BAITA
LETRISTA E TEM
UM TIMBRE DE
VOZ MUITO
SEDUTOR. ELE
CONSEGUE SER
VERSÁTIL SEM
TRANSFORMAR
O CD NUMA
COLCHA DE
RETALHOS"

PITTY
CANTORA

GRAJAEUX

"Atrás de um verdix pra mandar por sedex Zona sul é o universo e os vagabundo é belezex Aqui eu não tô de tricotex"

"O quanto o povo do Grajaú é guerreiro e o quanto é camaleão para passar pelas dificuldades"

SAMBA SAMBEI

"Samba sim samba sambei Mas não me esqueci das palavras do rei"

"É a história de um cara que anda pela rua e passa despercebido. Mas ele também é alguém"

FORA DA RINHA

Com ajuda da Matilha Cultural e com os produtores Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral, Criolo leva suas rimas para novos palcos, longe da periferia

Em 2010, o MC já tinha lançado o DVD 'Criolo Live em SP', com ajuda da Matilha Cultural. Ele diz que o vídeo era um agradecimento aos seus 20 anos de rap. Mas também registrou ali um lado desconhecido: o rapper que dizia querer pendurar as chuteiras compunha sambas. Foi por meio de seu contato secreto na Matilha que ele conheceu um de seus atuais produtores, Marcelo Cabral – que convidou Daniel Ganjaman para entrar na produção de 'Nó na Orelha'. O disco foi trabalhado entre julho de 2010 e fevereiro deste ano. "Ele chegou com 60, 70

músicas e mostrou pra gente", conta Cabral. "Mas de cara já tinha 'Freguês da meia-noite', 'Bogotá', 'Subirusdoistiozin'. As músicas estavam bem prontas." Ganjaman completa: "Quando ele começou a cantar estas, pensamos: estão no disco." Na hora de divulgar o álbum, Criolo sabia bem qual seria o primeiro passo. "Como a Matilha me proporcionou o disco, o estúdio e esses produtores, quis deixá-lo gratuito para o público", afirma o rapper. E que efeito teve o sucesso inesperado? "Tomei um susto", diz Cabral. "Acho que o Criolo também. Mas ele tem o pé no chão. Não está deslumbrado."

"O CRIOLO TRANSCENDEU O RAP DE UMA FORMA MUITO AUTÊNTICA E LEGÍTIMA. ELE ME IMPRESSIONA A PONTO DE EU DEDICAR PARTE DO MEU TRABALHO PESSOAL A CARREIRA DELE, EM QUE EU ACREDITO MUITO"

DANIEL GANJAMAN
PRODUTOR

SUCRILHOS

"Di Cavalcanti, Oiticica, Frida Kahlo têm o mesmo valor que a benzedeira do bairro"

"**Cientista social, Casas Bahia e tragédia. Gosta de favelado mais que Nutella**"

LION MAN

"E se fosse pra ter medo dessa estrada eu não taria tanto tempo nessa caminhada. Artista independente leva no peito a responsa, tiozão"

"**Desabafo**"

O RAP É MAIORIA

Em três dias, 25 mil pessoas fizeram o download do disco de Criolo. E hoje este número já passa de 53 mil. Primeiro trabalho a revelar que o MC também podia passear por outros estilos musicais, 'Nó na Orelha' é, segundo ele, um disco de rap, sim. "O rap nesse trabalho é a totalidade, porque quando eu falo de rap eu vou além da estética. Eu vejo a atitude de criar um diálogo para o crescimento da cidade de São Paulo, para uma melhoria e bem estar do povo brasileiro, e isso está presente em todas as faixas." Ok, ele me convenceu, a essência do rap predomina no disco. Antes ele era conhecido como Crio-

No disco de Criolo, há um pouco de samba, bolero e afrobeat, mas ele defende que quem deu liga ao álbum foi mesmo o bom e velho hip hop

"DE UNS 3 ANOS PRA CÁ, EU ESTAVA ME PREPARANDO PSICOLÓGICAMENTE PRA SAIR DE CENA ENQUANTO MC, PORQUE EU SEMPRE PROCUREI AVALIAR O QUANTO EU ESTAVA CONTRIBUINDO COM ESSA CENA"

lo Doido, mas, neste álbum, retirou o segundo apelido. A julgar pela sensatez demonstrada ao longo da entrevista, a decisão

faz sentido. Mas então por que Criolo Doido? "Talvez por uma provocação, para convidar as pessoas a me chamar de uma forma que as incomode. Uma forma incômoda pelo que está escrito no dicionário e pelo valor que a sociedade tem dado a esta palavra. O que pra muitos pode ser um xingamento, pra mim é um elogio", explica. E o 'Doido' sai de cena. "Tem que fazer muita coisa pelo País pra alguém dizer de você: 'esse é doideira mesmo'. Eu tenho que crescer muito enquanto, contribuir muito como cidadão pra receber este elogio", fala, esboçando pela primeira vez uma certa maluquice – mas, como sempre, com uma franca modéstia.

"ELE É O CARA QUE CHEGA PRA BOTAR FOGO. SE ELE VAI FAZER UM SHOW É PRA INCENDIAR. A APRESENTAÇÃO QUE ELE FEZ NO STUDIO SP ESTAVA LOTADA. TODO MUNDO CANTOU 'NÃO EXISTE AMOR EM SP' EM CORO"

**MARCELO CABRAL
PRODUTOR**

DIVULGAÇÃO

LINHA DE FRENTE

"O dinheiro vem pra confundir o amor, o santo pesado que tá sem amor
Na Turma da Mônica do asfalto, Cascão é rei do morro e a chapa esquenta fácil"

"A gente tem que tratar criança como criança por mais que seja difícil no nosso País"

